

A GRAMATICALIZAÇÃO DE *DANAR A*, *DESTAMPAR A* E *GARRAR A* + INFINITIVO E A EXPRESSÃO CUMULATIVA DE ASPECTO

Lorenzo Vitral*
Sueli Maria Coelho**

Resumo: Neste artigo, analisa-se o processo de inovação linguística por que vêm passando os verbos *danar*, *destampar* e *garrar* que, ao passarem por um processo de abstração semântica e ampliarem seus usos lexicais, estão, simultaneamente, passando por um processo de gramaticalização por meio do qual têm se tornado verbos auxiliares em construções em que se agregam à preposição *a* + infinitivo. Os dados analisados caracterizam o falar interiorano rural e foram extraídos de duas peças teatrais de autoria de Aparecida Silva Mendes. A análise empreendida acusou que as formas verbais em estudo são variantes linguísticas e que estão se gramaticalizando para expressão cumulativa de aspecto.

Palavras-chave: Gramaticalização; perífrases verbais; aspecto; função cumulativa.

Abstract: This article analyzes the linguistic innovation process that Brazilian Portuguese verbs *danar*, *destampar* and *garrar* are undergoing. Such verbs, when they undergo a process of semantic abstratization and when they expand their lexical uses, they undergo a simultaneous grammaticalization process through which they turn into auxiliary verbs in constructions where they are combined with preposition *a* + infinitive. The analyzed data constitute a typically rural speech and have been extracted from

* Universidade Federal de Minas Gerais / CNPq.

** Universidade Federal de Minas Gerais.

two theater plays written by Aparecida Silva Mendes. The conducted analysis has shown that the studied verb forms are linguistic variants and that they are grammaticalizing into a cumulative expression of aspect.

Keywords: Grammaticalization; verbal periphrasis; aspect; cumulative function.

1. Considerações iniciais

A despeito de a gramática de uma língua ser muitas vezes descrita como um conjunto fechado de itens e processos, por oposição dicotômica ao léxico, conjunto, conseqüentemente, aberto a constantes incorporações, ela não tem se mostrado tão estável ao longo da história da língua. Fato é que a gramática de uma língua pode adquirir itens renovados para exprimir noções gramaticais já disponíveis. Um exemplo comprobatório de tais incorporações são os pródigos fenômenos de gramaticalização descritos pelas pesquisas linguísticas nas diversas perspectivas teóricas. Como admitir a possibilidade de um item mudar de categoria na língua, perdendo traços que lhe permitam se referir à realidade extralinguística, para incorporar traços de significação meramente linguística, sem admitir a possibilidade de também a gramática ser passível de incorporações? O fenômeno que este artigo se propõe a analisar descritivamente, assim como inúmeros outros fenômenos de gramaticalização já analisados e descritos por vários pesquisadores, vem atestar empiricamente certa fluidez nos domínios da gramática, mais especificamente no que tange à expressão da categoria de aspecto.

Os teóricos da variação e mudança linguística são unânimes em afirmar que a variação linguística se origina na modalidade falada da língua, em situações de menor grau de formalidade, e, aos poucos, vai se expandindo até passar pelo crivo da norma e ganhar esferas de maior formalidade, sagrando-se a mudança (LABOV, 1994). É justamente no âmbito da modalidade falada da língua, em estágio, portanto, mais inicial do processo de inovação linguística,

que se flagram ocorrências do objeto deste estudo, ilustrado nos enunciados a seguir, extraídos do texto da peça *Concessa tecendo prosa*, de autoria de Aparecida Silva Mendes:¹

- (1) “Antão um dia eu criei corage e sentei na cadera da minha mãe que ficava do lado dele. *Garrei a pregá* um botão, como quem num qué nada, e fiquei lá pertim, orvino” (MENDES, 1997, p. 32; grifo nosso)
- (2) “Um minino nas cadera, outro na barriga e um balaio de biscoito na cabeça! E fizzo biscoito até a barriga *distampá a crescê*.” (MENDES, 1997, p. 34; grifo nosso)
- (3) “E o fogo *danô a subi* e pegá. Quando é fé, *dana a tirriçá* gente lá de cima pegano fogo.” (MENDES, 1997, p. 37; grifos nossos)

Do ponto de vista sintagmático, as formas destacadas nos enunciados acima possuem em comum o fato de, à primeira vista, formarem uma construção análoga a uma locução verbal, já que há uma coesão entre a primeira forma verbal – *garrei*, *distampá* e *danô* –, a preposição *a* e o verbo que está no infinitivo. Assim, entendemos que a primeira forma verbal se comporta como um auxiliar, definindo uma locução comparável, por exemplo, às locuções *começar a* ou *continuar a* + verbo no infinitivo. Estas, segundo descrição de Travaglia (1985, 2010), prestam-se à expressão da categoria de aspecto, isto é, do modo de ser da ação verbal. Uma questão que já se enuncia é, portanto, saber se as formas *danar*, *destampar* e *garrar a* também expressam aspecto e, se essa hipótese for adequada, qual ou quais noções aspectuais essas formas introduzem na interpretação do evento do qual participam.

¹ O acesso ao *corpus* se deu a partir do texto escrito, gentilmente cedido a nós pela autora das peças. Após assistirmos a uma apresentação e identificarmos a produtividade das construções por nós analisadas na fala da personagem, pedimos autorização à autora e à produtora da peça para utilizarmos o texto para fins de pesquisa linguística, o que nos foi concedido prontamente, motivo pelo qual registramos aqui nosso agradecimento.

De acordo com a intuição exposta, constitui objetivo deste trabalho demonstrar que as referidas formas verbais se encontram num processo de gramaticalização, o qual acrescenta aos usos lexicais dessas formas novas acepções mais abstratas por meio das quais passam a funcionar como verbos auxiliares.

Este artigo está organizado como se segue: após essas considerações iniciais, apresentamos, na seção 2, uma descrição das ocorrências que analisaremos, extraídas do texto das peças *Concessa tecendo prosa* (MENDES, 1997) e *Concessa pendura e cai* (MENDES, 2005); na seção 3, após definição da noção de aspecto que utilizamos, descrevemos os dados analisados de acordo com essa noção; na seção 4 são apresentados a formulação e o desenvolvimento da hipótese da gramaticalização das formas analisadas; e, na seção 5, aparecem nossas conclusões.

2. Os dados e sua interpretação

Não é incomum escutarmos as construções *danar a* ou *garrar a* + verbo no infinitivo sendo empregadas por falantes, especialmente do dialeto mineiro, independentemente do seu nível de escolaridade. Poderá lançar luz sobre o fenômeno uma análise complementar acerca da frequência dessas construções de acordo com a faixa etária e com o nível de escolaridade dos falantes, bem como uma investigação a respeito da questão de saber se tais construções são exclusivas, ou mais típicas, do dialeto mineiro ou se outro(s) dialeto(s) do português brasileiro também as admite(m).

De nossa parte, extraímos as ocorrências das referidas construções dos textos de duas peças teatrais cuja autoria é, conforme mencionado, de Aparecida Silva Mendes, natural de Pará de Minas. Trata-se das peças *Concessa tecendo prosa* (MENDES, 1997) e *Concessa pendura e cai* (MENDES, 2005). Em ambas, são retratadas falas – trata-se de monólogos – da personagem *Concessa*, interpretada pela própria autora, que, nas palavras do

crítico Miguel Anunciação (2007, p. 23), “caprichosamente costuma reproduzir num caderninho tudo o que vê, escuta e conclui de mais interessante do dia a dia”. *Concessa* é o protótipo de uma mulher do povo, simples e “da roça”, criada no interior, que se muda com a família para a cidade grande e que tem como principal traço a ingenuidade que, supostamente, caracteriza as gentes do interior. O humor das peças advém, principalmente, do confronto entre as realidades da vida da cidade grande e as reações ingênuas da personagem. Colabora também para compor o aspecto cômico dos textos o fato de a fala da personagem ser caricaturada com reduções fonéticas, escolhas léxicas, interjeições e construções sintáticas evocativas do dialeto caipira ou mineiro (como se sabe, a comunidade em geral tem uma atitude negativa em relação a tais dialetos).²

O fato, portanto, de as locuções que examinamos aparecerem na fala de *Concessa* nos faz desconfiar de que sua origem deva ser procurada nas regiões rurais de Minas Gerais, o que também faz emergir a questão de saber se se trata de uma inovação linguística recente ou, na verdade, de locuções produtivas já há algum tempo, ou mesmo de arcaísmos. Uma pesquisa adicional poderá esclarecer tais pontos, mas, pelo que já pudemos verificar, esse uso é produtivo no falar rural há, pelo menos, três décadas. Em dados coletados por Couto (1974) numa tentativa de descrição sociolinguística do falar capelinhense, antiga Capelinha do Chumbo e hoje Major Porto, distrito de Patos de Minas (MG), também há registro de uma das construções que nos propusemos a analisar, o que demonstra haver nesse uso alguma tradição:

- (4) “e acho mió que s’ele ficá aqui eu fico pensano assim... qui ele fica aqui, ele *dana brincá* com essa mininadinha aqui [...] e ele... né, Zé?” (COUTO, 1974, p. 9, grifo nosso)

² Para um estudo em maior profundidade, consultar Ramos & Coelho (no prelo).

O dado de Couto (1974) foi aqui apenas mencionado em favor da intuição aventada, mas os dados do presente estudo, conforme anunciado, restringem-se às duas peças selecionadas. Tomando por base, então, nosso *corpus*, computamos 6 ocorrências de *garrar a* + infinitivo; 3 ocorrências de *danar a* + infinitivo e 2 ocorrências de *destampar a* + infinitivo. A seguir, listam-se essas ocorrências, destacando-se com grifo nosso o objeto de nossa atenção:

GARRAR A + INFINITIVO:

- (5) “*Garrei a pregá* um botão, como quem num qué nada, e fiquei lá pertim, orvino” (MENDES, 1997, p. 32; grifo nosso)
- (6) “*Garrô a fazê* uma horta no fundo lá de casa: prantô cove, cibulinha, sarsinha, armerão, ispinafre, orapronobe” (MENDES, 1997, p. 36; grifo nosso)
- (7) “D. Guilizica, minha sogra, *garra a chorá*: “Ah, Vicente, meu fio mai novo, vai me largá!” (MENDES, 1997, p. 37; grifo nosso)
- (8) “Meus irmão nunca tinha visto meu pai chorano... *garra tudo a chorá*.” (MENDES, 1997, p. 37; grifo nosso)
- (9) “Um fogo *garrô a pegá* e eu fui ficano numa preocupação com o povo que tava lá dentro...” (MENDES, 1997, p. 37; grifo nosso)
- (10) “Quando Vicente ponhô aquele bitelo de comprimido na boca e tocô água por riba, a boca dele *garrô a fervê!*” (MENDES, 1997, p. 37; grifo nosso)

DANAR A + INFINITIVO:

- (11) “E o fogo *danô a subi* e pegá.” (MENDES, 1997, p. 37; grifo nosso)
- (12) “Quando é fé, *dana a tirriçá* gente lá de cima pegano fogo.” (MENDES, 1997, p. 37; grifo nosso)
- (13) “Eu *danei a ri* quando vi meu fio de apareio.” (MENDES, 2005, p. 45; grifo nosso)

DESTAMPAR A + INFINITIVO:

- (14) “E fisso biscoito até a barriga *distampá a crescê*.” (MENDES, 1997, p. 34; grifo nosso)
- (15) “Meu pai, Nhô Quim, viu D. Guilizica, minha sogra, chorano, *distampô a chorá* tamém.” (MENDES, 1997, p. 37; grifo nosso)

Além das ocorrências em que o verbo é seguido por forma no infinitivo precedida por preposição, encontramos ainda 3 tipos de construções com os verbos analisados. Trata-se das sequências do verbo *garrar* seguido de SN (2 ocorrências), de SP (3 ocorrências), e de SN cujo núcleo seleciona uma completiva no infinitivo (3 ocorrências). Observem-nas:

GARRAR + SN:

- (16) “E o padre *garrô o falatório*” (MENDES, 1997, p. 36; grifo nosso)
- (17) “*garrei uma saudade da minha casa, do meu quintal*” (MENDES, 1997, p. 34; grifo nosso)

GARRAR + SP:

- (18) “Sungava o rádio bem arto memo e *garrava na lida!*” (MENDES, 1997, p. 32; grifo nosso)
- (19) “E o povo *garrô na pinga.*” (MENDES, 1997, p. 37; grifo nosso)
- (20) “Vicente ficô numa alegria – era doido pra sê pai –, *garrô na borta* de novo e falava” (MENDES, 1997, p. 36; grifo nosso)

GARRAR + SN + COMPLETIVA DE INFINITIVO:

- (21) “Quando eu intidi que eu num ia tê as pessoa, *garrei u’a vontade de querê tê as coisa!*” (MENDES, 1997, p. 38; grifo nosso)

- (22) “*Garrei u’a ambição de comprá!*” (MENDES, 1997, p. 38; grifo nosso)
- (23) “Seis meis depois que nós tava aqui... *garrei uma vontade de vortá pra trais*” (MENDES, 1997, p. 34; grifo nosso)

Para finalizar nossa apresentação dos dados, é relevante destacar ainda um uso de *garrar* seguido de SP e outro de *destampar* seguido de SN. No primeiro caso, exemplo a seguir, o verbo preserva seu sentido etimológico, lexical:

- (24) “Vicente branco igual um papel. *Garrô no meu braço* e eu tô veno que ele tava cambaleano.” (MENDES, 1997, p. 36; grifo nosso)

De acordo com o conjunto de pressupostos que compõem a perspectiva da gramaticalização, segundo os quais o processo envolve a perda de traços de referenciação lexical em favor da adoção de traços gramaticais, acreditamos que o emprego do verbo *garrar* em (24) constitui a fonte do processo que está levando a referida forma verbal a se tornar auxiliar, com saliente valor aspectual.

O uso a seguir, de *destampar*, assemelha-se ao de *garrar* em (24), porque conserva o valor lexical do item, mas difere desse uso na medida em que não se trata mais do significado literal, concreto, e sim de uma extensão metafórica do verbo *destampar*, característica central não apenas dos processos de gramaticalização, como também de lexicalização:

- (25) “um sol quente que *distampava* a mulêra” (MENDES, 1997, p. 39; grifo nosso)

Identificados os usos lexicais dos dois verbos – ainda que não tenha ocorrido o significado concreto de *destampar* –, estamos em condições de tentar descrever a interpretação das demais ocorrências destacadas acima.

Os volteios em (18) a (20), nos quais o verbo se faz seguir de SP, podem ser mais bem descritos se nos atentarmos para o fato de que parece haver, num nível subjacente, a acepção de um verbo, de maneira que poderíamos parafrasear essas ocorrências, respectivamente, da seguinte maneira:

(18') "garrava a fazer faxina"³

(19') "garrô a beber pinga"

(20') "garrô a trabalhar na horta"

Não entraremos na questão de saber se há, de fato, um verbo elíptico (ou realizado como categoria vazia, se fôssemos utilizar a nomenclatura gerativista) em construções como as de (18) a (20), mas apenas destacamos que as paráfrases propostas são adequadas para a sua interpretação, o que nos faz pensar nesse tipo de construção como estágios intermediários do *continuum* de gramaticalização cujo alvo final é o uso dos verbos como auxiliares. Parece-nos pertinente comparar nessa ótica as construções e suas paráfrases acima com a fatoração do significado do verbo *começar* quando seguido de SN, como em (28), exposta em (29) [dados de nossa autoria]:

(26) Ele começou o trabalho.

(27) Ele começou a fazer o trabalho *ou* Ele começou a trabalhar.

Adequada essa descrição, podemos estendê-la para as ocorrências em que aparecem SNs após o verbo, isto é, os casos (15) e (16): é possível retratar a interpretação por meio das seguintes paráfrases:

(16') "garrou a falar (de maneira excessiva)"

(17') "garrei a ter saudade"

³ O substantivo *lida* é ainda entendido como equivalente, em certos contextos, a *trabalho*, o que favorece a interpretação proposta.

As construções em (21) a (23) parecem ser um estágio diferente em relação ao conjunto de inovações de uso por que passam as formas verbais que nos ocupam. Dessa vez, surgem núcleos nominais, como *vontade* e *ambição*, seguidos de um complemento oracional com o verbo no infinitivo. Nesses casos, não parece possível eliminar o núcleo nominal nem construir uma paráfrase com *garrar a* seguido apenas do verbo: é relevante a expressão dos núcleos nominais. Parece-nos que, também nesses usos, além do que descrevemos tomando por base o dado em (25), há um processo de *abstratização*, que tipifica os processos de lexicalização e de gramaticalização por que passam os itens. Em tais usos, não se percebe mais o sentido etimológico de “segurar” ou “prender”, que corresponde a um uso mais concreto do item. Houve uma abstração que permitiu ao falante transpor cognitivamente sentidos de um domínio mais concreto (= “prender ou segurar algo”) para um domínio mais abstrato (= intensificador da ação). É possível que esse estágio do processo tenha servido de “gatilho” para a inovação final, que foi o uso desses verbos como auxiliares de aspecto.

Nossa interpretação do fenômeno até aqui é, como se viu, baseada em nossa intuição. A exiguidade dos dados, decorrente de um fenômeno ainda em curso, não permite muito mais do que isso. Seria necessário um volume muito maior de dados que nos permitisse análises de frequência e talvez uma catalogação das ocorrências de acordo com sincronias distintas (como já realizamos em Vitral (2006), Coelho (2006) e Vitral, Viegas & Oliveira (2010)). De toda maneira, resumiremos nossa hipótese da seguinte maneira: os usos lexicais que destacamos acima são estágios intermediários que terminaram por resultar em um uso gramatical dos verbos analisados, a saber, como verbos auxiliares. O fato de esses estágios ocorrerem numa mesma sincronia não invalida a hipótese, já que há, conforme prevê o princípio da estratificação proposto por Hopper (1991), num mesmo “état de langue” a coocorrência de construções de sincronias distintas. Enfim,

reproduzir explicitamente os estágios da inovação por que passam esses verbos está fora do nosso alcance neste trabalho devido, sobretudo, à exiguidade dos dados encontrados.

O estágio da inovação que nos interessa mais de perto é, como já está claro, aquele retratado pelos dados (5) a (15), em que os verbos exprimem aspecto e, do ponto de vista sintagmático, comportam-se como auxiliares. O fato de não terem ocorrido elementos intervenientes entre os verbos de que nos ocupamos e o verbo que está no infinitivo pode servir de argumento em favor do estatuto de locução dessas construções. O único caso em que ocorre um item interposto está no exemplo (8), repetido abaixo para conveniência do leitor:

- (8) “Meus irmão nunca tinha visto meu pai chorano... *garra tudo a chorá.*” (MENDES, 1997, p. 37; grifo nosso)

Essa construção não invalida, no entanto, a hipótese do valor auxiliar desses verbos. Ora, o item *tudo* nesse caso é interpretado em consonância com o sujeito, isto é, algo como “todos, meus irmãos e meu pai, choravam”. Assim, trata-se do fenômeno do quantificador “flutuante” já descrito e analisado, como se sabe, em várias línguas, incluindo o português (KAYNE, 1977; VITRAL, 1992); e esse quantificador pode se interpor, sem prejuízo para a gramaticalidade, entre verbos auxiliares e verbos principais, como o mostram os seguintes exemplos [dados de nossa autoria]:

- (28) a. Eles tinham todos saído.
b. Meus irmãos vão todos viajar de férias.

Vejamos, na próxima seção, um arrazoado sobre a noção de aspecto que nos será útil na descrição de mais detalhes sobre nosso fenômeno.

3. O fenômeno da gramaticalização e a expressão do aspecto

De acordo com Comrie (1976, p. 6), “o aspecto tem sido apresentado essencialmente em termos semânticos, com referência à estrutura interna da situação, sem qualquer discussão sobre suas expressões formais” (tradução nossa).⁴ Para o referido autor, verifica-se entre os estudiosos das línguas uma tendência a se combinar o aspecto com outras categorias, mais especificamente, com a categoria de tempo, o que não constitui uma arbitrariedade, dado que ambas estão relacionadas a uma noção mais abstrata de tempo, diferentemente daquela empregada para se referir à categoria verbal ou mesmo à flexão temporal. Tal abstração pode constituir um indício de que a categoria aspectual resulta de uma gramaticalização da categoria temporal, já que no processo de gramaticalização os itens tramitam num *continuum*, deslocando-se do [+ concreto] em direção ao [+ abstrato]. Considerando-se o fato de que a palavra *tempo* possui a propriedade de atualizar vários semas, sendo, portanto, polissêmica, convém explicitar os sentidos que tal termo pode assumir no vocabulário linguístico. Travaglia (1985 [1981]), apoiando-se nas idéias disseminadas por Comrie (1976), propõe uma atualização triádica para o termo:

- 1) Tempo 1 – categoria verbal (correspondente às épocas: passado, presente, futuro). [...]
- 2) Tempo 2 – flexão temporal [...] flexões da conjugação verbal: pres. do ind., pret. imp. do ind., fut. do pres., fut. do subj., etc. [...]
- 3) Tempo 3 – a idéia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase. (TRAVAGLIA, 1985 [1981], p. 51)

⁴ No original: “aspect has been presented essentially in semantic terms, with reference to the internal structure of a situation, without any discussion of the formal expressions of aspect” (COMRIE, 1976, p. 6).

Tanto o aspecto quanto o tempo verbal são categorias que expressam o *tempo* em sua terceira acepção. Travaglia (1985 [1981]), visando a uma maior clareza na referência às três acepções mencionadas, propõe referir-se à primeira, empregando o termo *tempo*; à segunda, por meio da expressão *tempos flexionais*; e, à terceira, empregando TEMPO (em letras maiúsculas), critério que também será adotado por nós. Comrie (1976) emprega o termo *tense* para se referir à primeira acepção e *time* para se referir à terceira.⁵

Apesar de exibirem alguns pontos de interseção, visto que ambas são categorias de TEMPO, as categorias de tempo e de aspecto não são coincidentes, porque, enquanto aquela é uma categoria dêitica, uma vez que situa a ação verbal em relação ao momento da enunciação, esta não o é, porque se refere metalinguisticamente à situação. De acordo com Comrie (1976, p. 5), o tempo é “um TEMPO externo à situação” e o aspecto é “um TEMPO interno à situação”⁶ (traduções nossas).

Delineados os domínios de cada uma das duas categorias, torna-se possível esboçar algumas definições para aspecto. Comrie (1976) apresenta uma definição que se tornou clássica, sendo subsidiária da maioria das demais definições cotejadas na literatura. Segundo ele, o aspecto é uma categoria que se presta à expressão dos diversos modos de se ver a constituição temporal interna da situação, ou seja, sua duração. Já Travaglia (1985 [1981]) considera essa uma definição limitada e alega que as noções arroladas como aspectuais demarcam, normalmente, momentos pontuais da situação, podendo, portanto, ser tomadas de diferentes pontos de vista. Para o autor, os dois blocos que são tradicionalmente empregados para descrever o aspecto, quais sejam, concluído (perfectivo) e não-concluído (imperfectivo), são

⁵ Cf. também, para discussões sobre o tema em português, Castilho (1968), Ilari (1981), Reinchenbach (1948) e Corôa (2005).

⁶ No original: “one could state the difference as one between situation-internal time (aspect) and situation-external time (tense)” (COMRIE, 1976, p. 5).

insuficientes para abranger todas as possíveis fases de uma situação. Seus estudos identificaram três perspectivas de que a situação pode ser descrita, as quais foram dispostas em três grupos: (a) desenvolvimento da situação, (b) “completamento” da situação e (c) realização da situação. O primeiro grupo compreende um subconjunto de três fases: início, meio e fim. O segundo compreende as duas fases apontadas tradicionalmente para se referir ao aspecto: situação incompleta e situação completa. Por fim, o terceiro grupo, assim como o primeiro, compreende três fases: situação por iniciar, situação em curso e situação concluída. Eis a definição de aspecto proposta por esse autor:

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação. (TRAVAGLIA, 1985 [1981], p. 53; negrito do autor)

Comparando-se as duas definições apresentadas (a de Comrie e a de Travaglia), identificam-se, inicialmente, dois pontos de intersecção: o primeiro refere-se ao fato de as fases propostas por Travaglia (1985 [1981]) também caracterizarem o aspecto como uma categoria de TEMPO, uma vez que elas nada mais são que pontos específicos delimitados no segmento de TEMPO no qual ocorre a situação; o segundo diz respeito ao fato de o TEMPO envolvido na situação não ser concebido numa perspectiva dêitica. A definição de Travaglia, na verdade, parece constituir um desdobramento mais sofisticado da de Comrie, na medida em que Travaglia considera as possíveis etapas em que uma situação pode ser descrita, fato não explicitado por Comrie.

3.1. Mecanismos de expressão da categoria de aspecto

De acordo com Comrie (1976, p. 9), sendo o aspecto uma categoria gramatical, assim como as demais, pode ser expresso de

forma sintética “por meio de uma morfologia não flexional”⁷ ou ainda de forma analítica, “por meio de uma perífrase”⁸ (traduções nossas). Cumpre, pois, ao linguista investigar e detectar as marcas formais que permitem a sua expressão, um dos aspectos que justifica o estudo aqui relatado. Na mesma esteira de investigação, Travaglia (1985 [1981]), que se propôs a empreender um estudo mais incisivo sobre a categoria de aspecto e sua expressão na Língua Portuguesa, depois de cotejar informações em outros estudiosos do mesmo fenômeno, também descreve alguns mecanismos gramaticais destinados a exprimir essa categoria linguística.

No caso específico deste trabalho, a ênfase é no mecanismo sintático, ou seja, nas formas perifrásticas de expressão, que são engendradas a partir do fenômeno da gramaticalização de formas verbais em auxiliares. Segundo ilustram os exemplos até então apresentados, os verbos *garrar*, *danar* e *destampar* parecem estar passando por um processo de mudança linguística por meio do qual estão reduzindo a sua capacidade de referência externa ou nocional em detrimento do ganho de referência interna ou gramatical, na medida em que, como ficará claro a seguir, em alguns contextos sintáticos, estão perdendo traços semânticos que os habilitam a referir-se a elementos da realidade extralinguística e assumindo características de verbos auxiliares. Tais verbos, ao se juntarem à preposição *a* e a uma forma verbal de infinitivo, formam, assim, uma unidade sintática. A função de tais verbos nessa construção passa a ser referir-se ao TEMPO interno da situação, ou seja, marcar o aspecto. Dessa forma, esses verbos assumem o estatuto de marcadores aspectuais que, antes da gramaticalização, não possuíam.

⁷ No original: “it may be expressed by means of the inflectional morphology” (COMRIE, 1976, p. 9).

⁸ No original: “it may also be expressed by means of a periphrasis” (COMRIE, 1976, p. 9).

Face aos exemplos apresentados, parece-nos possível identificar outra similaridade entre os marcadores aspectuais e os marcadores temporais: sua função cumulativa. A cumulação, também denominada *port-manteau* (HOCKETT, 1963), é, segundo Nida (1963) *apud* Pontes (1972), uma característica particular das línguas flexionais e consiste na propriedade que alguns morfemas possuem de expressar, por meio de uma única marca formal, mais de uma categoria. Um exemplo clássico desse fenômeno na língua portuguesa são as desinências verbais, que se prestam à expressão simultânea de tempo e modo e de número e pessoa verbais. Nossa intuição é a de que, nas perífrases verbais em que encabeçam, os auxiliares *garrar*, *danar* e *destampar* assumem uma função cumulativa, pois se prestam não apenas a marcar o início de um processo, como também a intensificar a sua duração. Para além disso, acreditamos ser essa função cumulativa o elemento propulsor da mudança linguística por que passam esses verbos, conforme se verá em maiores detalhes a seguir, quando da apresentação de nossa análise.

4. A gramaticalização de *danar a*, *destampar a* e *garrar a* e a expressão cumulativa de aspecto

À primeira vista, as locuções formadas pelos verbos *danar*, *destampar* e *garrar*, a preposição *a* e um verbo no infinitivo parecem ter o mesmo valor de uma locução composta pelo verbo *começar*, a mesma preposição *a* e um verbo no infinitivo. Fosse assim, estaríamos diante de um fenômeno de concorrência entre locuções às quais, como prevê a metodologia variacionista, seria atribuído o mesmo valor de verdade. Parece-nos, no entanto, que não é essa a interpretação correta de ocorrências como (4) a (14). Um olhar mais atento sobre a interpretação dessas construções permite afirmar haver, na realidade, expressão cumulativa de aspecto, o que não parece ocorrer nas construções encabeçadas pela forma verbal *começar*. Para detalhar nossa proposta,

retomemos o dado (5), repetido abaixo para conveniência do leitor:

- (5) “*Garrô a fazê* uma horta no fundo lá de casa: prantô cove, cibulinha, sarsinha, armerão, ispinafre, orapronobe” (MENDES, 1997, p. 36; grifo nosso)

Na interpretação de (5), parece-nos claro que o agente inicia a atividade de fazer ou cultivar horta, prossegue nessa atividade e chega a obter seus resultados, isto é, nesse caso, colhe o que foi semeado ou plantado. Estendendo essa visão dos fatos aos três tipos de construções (com *danan*, *destampar* e *garrar*), pode-se afirmar, portanto, que todas as três congregam um valor gramatical cumulativo, qual seja, o de expressar o início de uma ação (aspecto incoativo) e também o de expressar uma ação que se repete (aspecto iterativo) de forma permanente, intensificando-se (aspecto permansivo). A permanência da ação aventada não pode ser, evidentemente, entendida como eternização do resultado, mas tão somente relativa à natureza do evento determinado pelo verbo. Para esclarecimento desse ponto, observe-se de novo o exemplo (13), repetido abaixo para conveniência do leitor:

- (13) “Eu *danei a ri* quando vi meu fio de apareio.” (MENDES, 2005, p. 45; grifo nosso)

O evento expresso pela locução acima não pode ser entendido como permanente de forma absoluta, e sim adequado à ação de rir nas suas possibilidades inerentes de início, de prolongamento e de completude.

Colabora para a nossa proposta de que não há, de fato, concorrência entre as construções com os três verbos em questão e as locuções com o verbo *começar* o fato de termos encontrado, nas duas peças teatrais, ocorrências compostas por *começar*, com ou sem a preposição *a* e um verbo no infinitivo. Nesses casos, que totalizaram 10 construções, vê-se com clareza a expressão apenas do aspecto incoativo. Se há variação e concorrência, esses fenômenos se dão, portanto, apenas entre as três locuções de que

nos ocupamos de perto.

Chama a atenção, por outro lado, o fato de ser o pretérito perfeito o tempo mais frequente nos exemplos de locução com os nossos três verbos. Essa característica dessas construções não é também esperada. Trabalhos acerca dos fenômenos de auxiliarização têm mostrado que as formas “cooptadas” por processos de gramaticalização para comporem formas perifrásticas inovadoras são morfologicamente do tempo presente. Esse fenômeno é chamado de *relevância do presente* por Fleischman (1982) na sua conhecida análise sobre a formação do futuro românico e foi também observado por Kurylowicz (1965) na sua descrição da gênese do *present perfect* do inglês. Discutindo esse fenômeno em trabalho anterior, Vitral (2011) desenvolveu a hipótese de que é o *presente* que permite fazer a associação entre a teia dos eventos e a situação da enunciação definida pela relação entre o falante e o ouvinte; e o falante, ao tomar a palavra e visar ao outro, ou ao interlocutor, está sempre no ponto *agora* do eixo do tempo, relacionando tudo o que enuncia ao seu ponto de vista como sujeito. No desenvolvimento dessa hipótese, tomou por base a noção de *subjetificação*, estabelecida por Traugott & Dasher (2005) e outros. Assim, o fato de as perífrases de que nos ocupamos não apresentarem a propriedade temporal esperada é surpreendente e requer alguma explicação. Vamos nos contentar aqui apenas com a suposição de que, como os conteúdos aspectuais expressos pelas locuções incluem o início de uma ação concluída no passado, os verbos que as encabeçam são flexionados, normalmente, no pretérito perfeito. Não há, contudo, ruptura total com a *relevância do presente*, já que, em virtude do aspecto cumulativo da construção, o TEMPO da ação se prolonga em direção ao presente, o que, obviamente, inclui o sujeito da enunciação e o ponto AGORA do eixo do tempo. Ainda na tentativa de se justificar o emprego preferencial do pretérito perfeito em detrimento do presente em tais construções, há de se considerar o fato de que o aspecto, conforme definido anteriormente, é uma categoria não-dêitica e, como tal, não deve se ancorar no eixo EU-AQUI-AGORA da enunciação.

Isso pode ser comprovado por outras construções aspectuais, como aquelas constituídas com o verbo *começar*, por exemplo.

Por fim, resta considerar outro aspecto peculiar em relação às três formas de que nos ocupamos e que, conforme defendido, comportam-se como variantes linguísticas: sua origem lexical distinta. É possível precisar algum traço semântico comum entre as formas lexicais *garrar*, *danar* e *destampar* que lhes permite, após gramaticalizadas em auxiliares, expressarem o mesmo valor de verdade em relação à categoria aspectual do evento de que participam? Ao que parece, o traço comum entre as três formas verbais não se liga ao aspecto incoativo da construção, mas se refere de modo mais efetivo à expressão dos aspectos iterativo e permansivo. Uma consulta a dicionários contemporâneos (FERREIRA, 1986; MICHAELIS, 1998; HOUAISS, 2001) permite-nos identificar um traço semântico que as aproxima: a expressão do desatino, do transcender impulsivamente uma ação. Dessa forma, parece-nos dedutível que esse traço semântico é o ponto de intersecção entre as três formas variantes, ao mesmo tempo em que as distancias das locuções constituídas com o verbo *começar* + preposição *a* + infinitivo. As construções com o verbo *começar* não apresentam o mesmo valor de verdade que aquelas de que nos ocupamos neste estudo porque se prestam apenas à expressão do aspecto incoativo. Na necessidade de expressar não apenas o início de uma ação, mas também a sua recorrência, o que culmina na permanência do estado descrito, o falante recorre a outras combinações possíveis na língua, promovendo a inovação, o que pode resultar num processo de variação e mudança.

5. Considerações finais

O trabalho realizado aqui é, sobretudo, o de um registro de construções com os verbos *garrar*, *destampar* e *danar* seguidos de preposição *a* e de um verbo no infinitivo, que nos mostram evidências de estar sendo empregadas, com extensão ainda não

mensurada, com valor de verbos auxiliares. A exiguidade dos dados não nos permitiu elaborar ainda uma descrição substancial do fenômeno. Apesar desse fato, adiantamos a hipótese de tratar-se de um processo de gramaticalização em curso e que, além disso, os verbos destacados manifestam o que nomeamos de expressão *cumulativa de aspecto*, já que se prestam a assinalar não apenas o início de uma ação, mas também a sua permanência de modo intensificado.

Esperamos, contudo, ter contribuído para a compreensão do fenômeno, com a expectativa de que análises futuras, que tomem como objeto empírico um volume maior de dados, possam trazer luz sobre este fenômeno e problematizar as intuições que avançamos.

Referências

ANUNCIACÃO, M. Longa vida à comédia inteligente. *Hoje em dia*, Belo Horizonte, 12 fev. 2007. Caderno Espetáculos, p. 23.

CASTILHO, A. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. São Paulo: Marília, 1968.

COELHO, S. M. *Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens ter, haver, ser, estar e ir na língua portuguesa*. 2006. 321f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português*. São Paulo: Parábola, 2005.

COUTO, H. H. do. *O falar capelinbense: uma visão sociolinguística*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1974. Mimeografado.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FLEISCHMAN, S. *The future in thought and language*. Cambridge:

Cambridge University Press, 1982.

HOCKETT, C. F. Two models of grammatical description. In: JOOS, M. *Readings in linguistics*. 3. ed. New York: American Council of Learned Societies, 1963. p. 386-400.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Org.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 59-90.

ILARI, R. Alguns recursos gramaticais para a expressão do tempo em português: notas de um projeto de pesquisa. In: *Estudos de Filologia e Linguística*. São Paulo: T.A. Queiroz/Edusp, 1981. p. 181-194.

KAYNE, R. *Syntaxe du français*. Paris: Seuil, 1977.

KURYLOWICZ, J. L'évolution des catégories grammaticales. *Diogenes*, Paris, v. 13, n. 51, p. 54-71, 1965.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MENDES, A. S. *Concessa tecendo prosa*. [s.l.] : [s.n.], 1997. Manuscrito inédito.

MENDES, A. S. *Concessa pendura e cai*. [s.l.] : [s.n.], 2005. Manuscrito inédito.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

NIDA, E. A. The identification of morphemes. *Language*, v. 24, n. 4, p. 414-441, 1948 *apud* PONTES, E. *Estrutura do verbo no português coloquial*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

RAMOS, J. M.; COELHO, S. M. (Org.). *Português brasileiro não-padrão: ensaios gramaticais*. Campinas: Mercado de Letras. (No prelo)

REICHENBACH, H. *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1948.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Ed. rev. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

TRAVAGLIA, L. C. Uma gramaticalização em cadeia para indicação de aspecto. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (Org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

VITRAL, L. *Structure de la proposition et syntaxe du mouvement en portugais brésilien*. 1992. Tese (Doutorado em Linguística) – Université Paris VIII, Paris, 1992.

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p.149-177, 2006.

VITRAL, L. A gramaticalização das perífrases verbais e sua relação com a noção de subjetificação. Curitiba, 2011. (Comunicação apresentada no VII Congresso Internacional da ABRALIN).

VITRAL, L.; VIEGAS, M. do C.; OLIVEIRA, A. J. Inovação versus mudança: a interseção gramaticalização/teoria da variação e mudança. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (Org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

Recebido para publicação em 1 de julho de 2011.

Aprovado em 26 de outubro de 2011.